

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*
SABAA TAHIR



VERUS
EDITORA

UM
CÉU
ALÉM DA
TEMPESTADE

LIVRO 4

UMA CHAMA ENTRE AS CINZAS

SABAA TAHIR

UM
CÉU
ALÉM DA
TEMPESTADE

Tradução
Jorge Ritter

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Editora
Raíssa Castro
Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes
Copidesque
Maria Lúcia A. Maier

Revisão
Manoela Alves
Diagramação da versão impressa
Abreu's System

Título original
A Sky Beyond the Storm

ISBN 978-65-5924-027-2

Copyright © Sabaa Tahir, 2020
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Tahir, Sabaa, 1983- T136c Um céu além da tempestade [recurso eletrônico] / Sabaa Tahir ; tradução Jorge Ritter. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2021. recurso digital (Uma chama entre as cinzas ; 4) Tradução de: A sky beyond the storm Sequência de: Um assassino nos portões Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-65-5924-027-2 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Série. 21-71662 CDD: 813 CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.
Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

*Uma dedicatória
em duas partes*

i.

*Para todas as crianças da guerra
Cuja história jamais será contada.*

ii.

*Para meus filhos
Meu falcão e minha espada
De todos os mundos nos quais habito
O de vocês é o mais belo.*

SUMÁRIO

PARTE I

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

PARTE II

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

PARTE III

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

XLII

XLIII

XLIV

XLV

XLVI
XLVII
XLVIII
XLIX
L

PARTE IV

LI
LII
LIII
LIV
LV
LVI
LVII
LVIII
LIX
LX
LXI
LXII

PARTE V

LXIII
LXIV
LXV
LXVI
LXVII
LXVIII
LXIX

PARTE VI

LXX

LXXI

LXXII

AGRADECIMENTOS

PARTE I

DESPERTAR

O PORTADOR DA NOITE

Eu despertei no alvorecer de um mundo jovem, quando o homem sabia caçar, mas não cultivar, conhecia a pedra, mas não o aço. Havia um cheiro de chuva e terra e vida. Havia um cheiro de esperança.

Levante-se, amado.

A voz estava carregada com milênios além da minha compreensão. A voz de um pai, de uma mãe. De um criador e de um destruidor. A voz de Mauth, que é a Morte em pessoa.

Levante-se, filho da chama. Levante-se, pois seu lar o espera.

Quem dera eu não tivesse aprendido a estimá-lo, meu lar. Quem dera não tivesse trazido à luz mágica alguma, amado esposa alguma, gerado criança alguma, apaziguado fantasma algum. Quem dera Mauth jamais tivesse me dado um nome.



— **M**^{eherya} Meu nome me arrasta para fora do passado, para o cume de um monte varrido pela chuva no interior do território navegante. Meu antigo lar é o Lugar de Espera, conhecido pelos humanos

como Floresta do Anoitecer. Farei meu novo lar sobre os ossos de meus inimigos.

— Meherya. — Os olhos de Umber, brilhantes como o sol, trazem o vermelho-vivo da ira antiga. — Estamos esperando suas ordens. — Ela segura um gládio na mão esquerda, a lâmina embranquecida pelo calor.

— Os ghuls já deram retorno?

Os lábios de Umber se curvam.

— Eles fizeram buscas em Delphinium, Antium. Até mesmo no Lugar de Espera — ela diz. — Não conseguiram encontrar a garota. Nem ela nem a Águia de Sangue são vistas há semanas.

— Mande os ghuls procurarem Darin de Serra em Marinn — digo. — Ele forja armas na cidade portuária de Adisa. Em algum momento eles vão se reunir.

Umber inclina a cabeça e observamos o vilarejo abaixo de nós, uma miscelânea de casas de pedra capazes de suportar o fogo, adornadas com telhas de madeira incapazes de fazê-lo. Embora seja em grande parte idêntico aos outros lugarejos que destruímos, ele tem uma distinção. Trata-se do último povoado em nossa campanha. Nossa salva de despedida em Marinn antes de eu enviar os Marciais para o sul para se juntarem ao restante do exército de Keris Veturia.

— Os humanos estão prontos para atacar, Meherya. — O brilho de Umber se avermelha, o desprezo por nossos aliados marciais tornando-se palpável.

— Dê a ordem — digo a ela. Atrás de mim, um a um, meus semelhantes se transformam de sombra em chama, iluminando o céu frio.

Um alarme soa no vilarejo. O vigia nos viu e berra, tomado de pânico. Os portões da frente — apressadamente erguidos após ataques em comunidades vizinhas — são fechados enquanto lamparinas brilham e gritos tingem o ar noturno com terror.

— Feche as saídas — digo a Umber. — Deixe as crianças levarem a história adiante. Maro. — Eu me viro para um fiapo de djinn, seus ombros estreitos não correspondendo a seu poder interior. — Vocês têm força suficiente para o que precisam fazer?

Maro anui. Ele e os outros djinns passam por mim impetuosamente, cinco rios de fogo, como aqueles despejados pelas jovens montanhas ao sul. Em seguida arrebatam os portões, deixando-os em chamas.

Uma meia legião de Marciais avança, e, quando o vilarejo já está tomado pelo fogo e meus companheiros se retiram, os soldados começam a matança. Os gritos dos vivos desaparecem rapidamente. Os dos mortos ecoam por mais tempo.

Após o vilarejo não passar de um amontoado de cinzas, Umber vem até mim. Assim como os outros djinns, ela agora tem um brilho tênue.

— Os ventos estão bons — digo a ela. — Vocês chegarão em casa rapidamente.

— Nós gostaríamos de seguir com o senhor, Meherya — ela diz. — Somos fortes.

Por um milênio, acreditei que a vingança e a ira eram meu destino. Jamais eu testemunharia a beleza de meus semelhantes movendo-se pelo mundo. Jamais sentiria o calor de sua chama.

Mas o tempo e a tenacidade me permitiram reconstituir a Estrela — a arma que os adivinhos usaram para aprisionar meu povo. A mesma arma que usei para libertá-los. Agora os mais fortes entre meus semelhantes se reúnem. E, embora já tenham se passado meses desde que destruí as árvores que os aprisionavam, minha pele ainda vibra com sua presença.

— Vão — ordeno-lhes com ternura. — Vou precisar de vocês nos próximos dias.

Eles partem, então caminho pelas ruas de pedra do vilarejo, farejando sinais de vida. Umber perdeu os filhos, os pais e o amante em nossa guerra distante com os humanos. Sua ira a tornou meticulosa.

Uma rajada de vento me leva para a muralha ao sul do pequeno povoado. O ar é testemunha da violência descarregada aqui. Mas há outra fragrância também.

Um sibilo me escapa. O cheiro é humano, mas com a camada de um brilho sobrenatural. O rosto da garota surge em minha mente. *Laia de Serra*. Sua essência me passa essa impressão.

Mas por que ela estaria se escondendo em um vilarejo navegante?

Considero vestir minha aparência humana, mas decido que não. Trata-se de uma tarefa árdua, que não deve ser levada adiante sem uma boa razão. Em vez disso, fecho bem meu manto contra a chuva e rastreio a fragrância até uma cabana enfiada ao lado de um muro frágil.

Os ghuls em meu encalço dão gritinhos de empolgação. Eles se alimentam da dor, e o vilarejo está tomado por ela. Eu os afasto e adentro a cabana sozinho.

O interior está iluminado por uma lamparina tribal e um fogo agradável, sobre o qual fumeja uma frigideira de pão queimado. Rosas de inverno adornam a cômoda e um copo de água do poço transpira sobre a mesa.

Quem quer que estivesse aqui partiu há pouco.

Ou então quis que parecesse assim.

Eu me aprumo, pois o amor de um djinn não é pouca coisa. Laia de Serra ainda tem garras em meu coração. A pilha de cobertores ao pé da cama se desintegra em cinzas ao meu toque. Escondido embaixo dela e tremendo de terror, há um garoto que obviamente *não* é Laia de Serra.

E, no entanto, ele se parece com ela.

Não no semblante, pois, onde Laia tem o coração envolto em tristeza, esse garoto está tomado de medo. Onde a alma de Laia é endurecida pelo sofrimento, esse garoto é delicado e tem uma alegria até agora intocada. Ele é uma criança navegante, não tem mais que doze anos.

Mas é o que está lá no fundo que me remete a Laia. Uma escuridão impenetrável em sua mente. Seus olhos negros encontram os meus, e ele ergue as mãos.

— F-Fora! — Talvez ele tenha querido dar um grito, mas a voz soa esganiçada, as unhas cravadas na madeira. Quando avanço para quebrar seu pescoço, ele ergue as mãos mais uma vez, e uma força invisível me empurra alguns centímetros para trás.

O poder dele é selvagem e desconfortavelmente familiar. Eu me pergunto se é mágica djinn, mas, embora alguns casais djinn-humano tenham se formado, nenhum filho pode nascer deles.

— Fora, criatura imunda! — Encorajado com meu recuo, o garoto joga algo em mim. Tem toda a pungência de pétalas de rosas. Sal.

Minha curiosidade desaparece. O que quer que viva dentro dessa criança parece ser sobrenatural, então busco a foice que trago às costas. Antes que ele possa compreender o que está acontecendo, enfio a arma em sua garganta e me viro, com os pensamentos acelerados.

O garoto fala, paralisando-me. Sua voz ressoa como a de um djinn vomitando uma profecia. Mas as palavras parecem truncadas, uma história contada através de água e pedra.

— *A semente adormecida desperta, o fruto de sua floração consagrado no corpo do homem. E desse modo vossa ruína é gerada, Amado, e com ela o rompimento... o... rompimento...*

Um djinn teria completado a profecia, mas o garoto é apenas um humano de corpo frágil. O sangue jorra do ferimento em seu pescoço, e ele desaba, morto.

— Céus, o que é você? — digo para a escuridão que há dentro da criança, mas ela se foi, levando consigo a resposta à minha pergunta.

LAIA

A contadora de histórias na hospedaria Ucaya tem a sala de convívio lotada em suas mãos. O vento geme pelas ruas de Adisa, sacudindo ruidosamente os beirais do lado de fora, e a kehanni tribal vibra com igual intensidade. Ela entoa sobre uma mulher que luta para salvar seu verdadeiro amor de um djinn vingativo. Mesmo os hóspedes mais encharcados de cerveja estão arrebatados.

Enquanto a observo de uma mesa no canto, eu me pergunto como é a experiência de ser uma kehanni. Oferecer o dom da história àqueles que você encontra, em vez de suspeitar que eles possam ser inimigos dispostos a matá-la.

Diante do pensamento, passo os olhos pela sala novamente e levo a mão à adaga.

— Se você baixar mais um pouco esse capuz — Musa de Adisa sussurra ao meu lado —, as pessoas vão pensar que você é uma djinn. — O Erudito está esparramado em uma cadeira à minha direita, com meu irmão, Darin, sentado do outro lado. Estamos perto de uma das janelas embaçadas da hospedaria, aonde o calor do fogo não chega.

Não solto a arma. Minha pele formiga, o instinto me dizendo que olhos pouco amigáveis me observam. Mas todos assistem à kehanni.

— Pare de acenar com sua lâmina, *aapan*. — Musa usa o termo honorífico navegante que significa “irmãzinha” e fala com a mesma exasperação que às vezes ouço em Darin. O apicultor, como Musa é conhecido, tem vinte e oito anos, mais velho que Darin e eu. Talvez seja por isso que ele gosta de bancar o mandão conosco. — A hospedeira é minha amiga — ele diz. — Não há inimigos aqui. Relaxe. De qualquer forma, não podemos fazer nada até a Águia de Sangue voltar.

Estamos cercados de Navegantes, Eruditos e apenas alguns Tribais. Ainda assim, quando a kehanni termina sua história, a sala explode em aplausos. É algo tão repentino que puxo metade da lâmina para fora.

Musa afasta minha mão do punho.

— Você liberta Elias Veturius de Blackcliff, incendeia a Prisão Kauf, faz o parto do imperador marcial em meio a uma guerra, enfrenta o Portador da Noite mais vezes do que posso contar — ele diz — e dá um pulo por causa de um barulho alto? Achei que você fosse destemida, *aapan*.

— Deixe Laia em paz, Musa — diz Darin. — Melhor se assustar que morrer. A Águia de Sangue concordaria.

— Ela é uma Máscara — diz Musa. — Eles nascem paranoicos. — O Erudito observa a porta e sua alegria desaparece. — A esta altura, ela já deveria estar de volta.

É estranho nos preocuparmos com a Águia. Até alguns meses atrás, achei que iria para o túmulo a odiando. Mas então Grímarr e sua horda de bárbaros karkauns cercaram Antium, e Keris Veturia traiu a cidade. Milhares de Marciais e Eruditos — incluindo a mim, a Águia e seu sobrinho recém-nascido, o imperador — fugiram para Delphinium. A irmã da Águia, a imperatriz regente Livia, libertou os Eruditos ainda escravizados.

E de alguma forma, entre aquele momento e agora, nós nos tornamos aliadas.

A hospedeira, uma jovem Erudita mais ou menos da idade de Musa, emerge da cozinha com uma bandeja de comida. Ela avança em nossa direção, o cheiro tentador de ensopado de abóbora e pão com alho a precedendo.

— Musa, querido. — A hospedeira coloca a comida na mesa e me sinto subitamente faminta. — Vocês não vão ficar mais uma noite?

— Sinto muito, Haina. — Ele joga um marco de ouro em sua direção e ela o agarra habilmente. — Isso deve bastar pelos quartos.

— E um pouco mais. — Haina guarda a moeda no bolso. — Nikla aumentou os impostos eruditos mais uma vez. A padaria de Nyla foi fechada na semana passada, quando ela não conseguiu pagar.

— Perdemos nosso maior aliado. — Musa fala do velho rei Irmand, que está doente há semanas. — A situação só vai piorar.

— Você era casado com a princesa — diz Haina. — Não poderia falar com ela?

O Erudito sorri, meio sem jeito.

— Não, a não ser que você queira que os impostos subam ainda mais.

Haina se afasta e Musa se serve de ensopado. Darin sarrupia uma travessa de quiabo frito, ainda estalando de óleo.

— Você comeu quatro espigas de milho na rua uma hora atrás — sibilo para ele, agarrando um cesto de pão.

Enquanto luto pelo pão, a porta se escancara. A neve deriva sala adentro, juntamente com uma mulher alta e esguia. O cabelo louro-prateado, preso em uma trança no alto da cabeça, está na maior parte escondido embaixo do capuz. O pássaro que grita em seu peitoral brilha por um instante antes de ela fechar a túnica e avançar a passos largos até a nossa mesa.

— Que cheiro incrível. — A Águia de Sangue do Império Marcial senta na cadeira de frente para Musa e pega a comida dele.

Diante de sua expressão petulante, ela dá de ombros.

— As damas em primeiro lugar. Isso vale para você também, ferreiro. — Ela desliza o prato de Darin em minha direção, e eu ataco a comida.

— E então? — Musa diz para a Águia. — Esse pássaro reluzente na sua armadura a fez entrar para ver o rei?

Os olhos claros da Águia de Sangue brilham.

— A sua esposa — ela diz — é um saco...

— Ex-esposa — corrige Musa, em um lembrete de que um dia eles se adoraram, mas agora não mais. Um fim amargo para o que esperavam que fosse o amor de uma vida inteira.

Eis um sentimento que conheço bem.

Elias Veturius adentra minha mente como quem não quer nada, embora eu tenha tentado deixá-lo trancado do lado de fora. Ele surge diante de mim como o vi pela última vez, o olhar penetrante e arredio, na fronteira do Lugar de Espera. *Todos nós somos apenas visitantes na vida uns dos outros*, ele disse. *Você vai esquecer a minha visita em breve.*

— O que a princesa disse? — Darin pergunta à Águia, e expulso Elias da cabeça.

— Ela não falou comigo. O camareiro dela disse que a princesa ouviria meu apelo quando a saúde do rei Irmand melhorasse.

A Marcial encara Musa como se fosse ele que tivesse recusado a audiência.

— A *maldita* Keris Veturia está sentada em Serra decapitando todos os embaixadores que Nikla envia. Os Navegantes não têm outros aliados no Império. Por que ela se recusa a me ver?

— Eu adoraria saber — diz Musa, e um tremeluzir iridescente próximo de seu rosto me diz que seus diabretes, criaturinhas aladas que servem como seus espiões, estão próximos. — Mas, embora eu tenha olhos em muitos lugares, Águia de Sangue, dentro da cabeça de Nikla não é um deles.

— Eu tenho que voltar para Delphinium. — A Águia olha fixamente para a tempestade de neve que esbraveja na rua. — Minha família precisa de mim.

A preocupação franze seu cenho, algo incomum em um rosto tão estudado. Nos cinco meses desde que escapamos de Antium, a Águia de Sangue frustrou uma dezena de tentativas de assassinar o jovem imperador Zacharias. A criança tem inimigos entre os Karkauns assim como entre os aliados de Keris no sul. E eles são incansáveis.

— Nós já esperávamos isso — diz Darin. — Então estamos decididos?

A Águia de Sangue e eu anuímos, mas Musa limpa a garganta.

— Eu sei que a Águia precisa falar com a princesa — ele diz. — Mas gostaria de declarar publicamente que acho esse plano arriscado demais.

Darin dá uma risadinha.

— É assim que sabemos que se trata de um plano da Laia... completamente maluco e com grande chance de terminar em morte.

— E onde está sua sombra, Marcial? — Musa olha em volta em busca de Avitas Harper, como se o Máscara pudesse aparecer do nada. — A que maldita tarefa você sujeitou aquele pobre homem agora?

— Harper está ocupado. — O corpo da Águia fica tenso por um momento antes de ela continuar a devorar sua comida. — Não se preocupe com ele.

— Eu preciso fazer uma última entrega na forja. — Darin se levanta. — Nos encontramos logo mais no portão, Laia. Boa sorte a todos.

Observá-lo sair da hospedaria me enche de ansiedade. Enquanto eu estava no Império, meu irmão permaneceu aqui em Marinn a pedido meu. Há uma semana nos reunimos, quando a Águia, Avitas e eu chegamos a Adisa. Agora estamos novamente nos separando. *Apenas por algumas horas, Laia. Ele vai ficar bem.*

Musa empurra meu prato na minha direção.

— Coma, *aapan* — ele diz, sem a menor maldade. — Tudo fica melhor quando não se está com fome. Vou pedir aos diabretes que fiquem de olho em Darin, e encontro vocês no portão nordeste. Sétimo sino. — Ele faz uma pausa e franze o cenho. — Tenham cuidado.

Enquanto ele se afasta, a Águia de Sangue limpa a garganta.

— Guardas navegantes não têm nenhuma chance contra um Máscara.

Não discordo. Vi a Águia segurar sozinha um exército de Karkauns para que milhares de Marciais e Eruditos pudessem escapar de Antium. Poucos Navegantes poderiam encarar um Máscara. Nenhum é páreo para a Águia de Sangue.

Ela vai para o quarto se trocar, e, pela primeira vez em muito tempo, estou sozinha. Lá fora, um sino bate a quinta hora. O inverno traz a noite cedo, e o telhado geme com a força da ventania. Reflito

sobre as palavras de Musa enquanto observo os hóspedes ruidosos da hospedaria, tentando me livrar do sentimento de estar sendo observada. *Achei que você fosse destemida.*

Quase ri quando ele disse isso. *O medo só será seu inimigo se você deixar.* O ferreiro Spiro Teluman me disse isso há muito. Há dias em que vivo essas palavras com muita facilidade. Em outros, elas são um peso em meus ossos que não consigo suportar.

Certamente, fiz as coisas que Musa disse. Mas também abandonei Darin com um Máscara. Minha amiga Izzi morreu por minha causa. Escapei do Portador da Noite, mas, sem querer, eu o ajudei a libertar seus irmãos. Eu fiz o parto do imperador, mas deixei minha mãe se sacrificar para que a Águia de Sangue e eu pudéssemos viver.

Mesmo agora, meses mais tarde, vejo minha mãe em meus sonhos. Cabelos brancos, marcada por cicatrizes, os olhos flamejando enquanto empunhava o arco contra uma onda de inimigos karkauns. Ela não tinha medo.

Mas eu não sou minha mãe. E não estou sozinha em meu medo. Darin não fala do terror que enfrentou na Prisão Kauf. Tampouco a Águia fala do dia em que o imperador Marcus assassinou seus pais e sua irmã. Ou de como ela se sentiu ao fugir de Antium, sabendo o que os Karkauns fariam com seu povo.

Destemida. Não, nenhum de nós é destemido. “Malfadados” seria uma descrição melhor.

Eu me levanto quando a Águia de Sangue desce a escada. Ela traça o vestido cinza acinturado de uma criada do palácio e um manto da mesma cor. Quase não a reconheço.

— Pare de olhar. — A Águia enfia uma mecha de cabelo por baixo do lenço pardo, escondendo a coroa de tranças, e me cutuca em direção à porta.

— Quantas lâminas escondidas na saia?

— Cinco... Não, espere... — Ela desloca o peso de um pé para o outro. — Sete.

Abrimos caminho porta afora e seguimos pela rua repleta de neve e gente. O vento corta e busco com dificuldade minhas luvas, sem sentir a ponta dos dedos.

— Sete lâminas. — Sorrio para ela. — E você não pensou em trazer luvas?

— Em Antium é mais frio. — O olhar da Águia desce até a adaga em minha cintura. — E eu não uso lâminas envenenadas.

— Se usasse, talvez não precisasse de tantas.

Ela me abre um largo sorriso.

— Boa sorte, Laia.

— Não mate ninguém, Águia.

Ela some na multidão noturna como um espectro, os catorze anos de treinamento tornando-a quase tão indetectável quanto estou prestes a me tornar. Eu me agacho, como se fosse amarrar os cadarços das botas, e descerro a invisibilidade sobre mim entre um momento e o próximo.

Com seus terraços em níveis e suas casas pintadas com cores vivas, Adisa é encantadora durante o dia. Mas, à noite, é simplesmente deslumbrante. Lamparinas tribais balançam em quase todas as residências, seus vidros multicoloridos reluzindo mesmo na tempestade. A luz do interior das casas vaza através das treliças ornamentais que cobrem as janelas, lançando fractais dourados sobre a neve.

A hospedaria Ucaya se encontra em um terreno mais elevado, com vista tanto para o Porto de Fari, na extremidade noroeste de Adisa, quanto para o de Aftab, a nordeste. Lá, em meio às montanhas de gelo flutuante, baleias irrompem na superfície da água e voltam a submergir. No centro da cidade, a torre queimada da Grande Biblioteca lanceia o céu, ainda de pé apesar do fogo que quase a destruiu quando estive aqui da última vez.

Mas são as pessoas que captam meu olhar. Mesmo com a tempestade rugindo ao norte, os Navegantes se vestem com suas melhores roupas. Lãs vermelhas, azuis e roxas bordadas com pérolas de água doce e espelhos. Mantos majestosos forrados de pele e pesados com linhas de ouro.

Talvez eu possa ter uma casa aqui um dia. A maioria dos Navegantes não compartilha dos preconceitos de Nikla. Talvez eu também possa usar belas roupas e viver em uma casa cor de lavanda coberta por telhas verdes. Rir com amigos, me tornar uma

curandeira. Conhecer um Navegante bonito e bater em Darin e Musa quando eles caçoarem de mim a respeito dele.

Tento segurar essa imagem em minha mente. Mas eu não quero Marinn. Eu quero areia, histórias e um céu estrelado. Quero erguer o olhar para aqueles olhos cinza-claros cheios de amor e de um toque de travessura que tanto anseio. Quero saber o que ele me disse em sadês, um ano e meio atrás, quando dançamos no Festival da Lua em Serra.

Eu quero Elias Veturius de volta.

Pare, Laia. Os Eruditos e Marciais em Delphinium estão contando comigo. Musa suspeitou de que Nikla jamais daria ouvidos aos apelos da Águia, então planejamos uma maneira de *fazer* com que a princesa real a ouvisse. Mas isso não vai funcionar se eu não atravessar estas ruas e adentrar o palácio.

Enquanto abro caminho rumo ao centro de Adisa, trechos de conversas passam flutuando. Os adisanos falam de ataques em vilarejos distantes. Monstros que rondam os campos.

— Ouvi falar de centenas de mortos.

— O regimento do meu sobrinho partiu há semanas e não temos nenhuma notícia deles.

— Apenas rumores...

Só que não são rumores. Os diabretes de Musa relataram tudo esta manhã. Meu estômago se retorce quando penso nos vilarejos fronteiriços totalmente incendiados, os moradores executados.

As ruelas que atravesso ficam mais estreitas, e as lamparinas de rua, mais escassas. Atrás de mim, ecoa um tilintar de moedas e me viro, mas não há ninguém ali. Caminho mais rápido quando vejo o portão do palácio. Ele é cravejado de ônix e madrepérolas, selênico sob o céu róseo nevado. *Fique longe daquele maldito portão*, Musa me avisou. *Ele é guardado pelos Jadunas, e eles podem te ver mesmo com a sua invisibilidade.*

Os Jadunas e a mágica que exercem vêm das terras desconhecidas além dos Grandes Desertos, milhares de quilômetros a oeste. Alguns servem à família real navegante. Me deparar com um deles significaria prisão — ou morte.

Ainda bem que o palácio tem entradas laterais para as criadas, mensageiros e jardineiros que mantêm o lugar funcionando. Esses

guardas não são Jadunas, de maneira que passar despercebida por eles é bastante simples.

No entanto, uma vez dentro, ouço o ruído novamente — uma moeda escorregando contra outra.

O palácio é um complexo enorme em forma de U, cercado de hectares de belos jardins. Os corredores são largos como bulevares e tão altos que os afrescos pintados na pedra clara acima mal podem ser vistos.

Há também espelhos por toda parte. Quando viro uma esquina, olho de relance para um deles e vejo o brilho de moedas de ouro e roupas de um azul intenso. Meu coração se acelera. *Um Jaduna?* A figura se vai rápido demais para dizer.

Volto na direção por onde a pessoa desapareceu. Mas tudo que encontro é um corredor patrulhado por uma dupla de guardas. Vou ter de lidar com o que quer que esteja me seguindo quando ele se revelar. Neste momento, preciso chegar à sala do trono.

No sexto sino, disse Musa, a princesa vai deixar a sala do trono para a sala de jantar. Vá pela antecâmara ao sul. Coloque sua espada sobre o trono e caia fora. Assim que os guardas virem a arma, Nikla será conduzida aos aposentos dela.

Ninguém será ferido e teremos Nikla onde a queremos. A Águia de Sangue estará à espera e fará seu apelo.

A antecâmara é pequena e cheia de mofo, com uma ligeira fragrância de suor e perfume que se misturam no ar. Como Musa previu, está vazia. Passo silenciosamente por ela e adentro as sombras da sala do trono.

Onde ouço vozes.

A primeira é de uma mulher, brava e ressonante. Há meses não ouço a princesa Nikla falar e levo um momento para reconhecer as modulações de sua voz.

A segunda voz me paralisa, pois é carregada de violência e assustadoramente suave. É uma voz que não deveria estar em Adisa. Uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar. Ela chama a si mesma de *imperator invictus* — comandante suprema — do Império.

Mas, para mim, ela sempre será a comandante.

O APANHADOR DE ALMAS

O ensopado tem gosto de memórias. Não confio nelas. As cenouras e as batatas estão macias, o faisão descolando dos ossos. Mas, no momento em que dou uma garfada, quero cuspir. O vapor ondula no ar frio da minha cabana, invocando rostos. Um guerreiro de cabelos loiros em uma selva a meu lado, perguntando se estou bem. Uma mulher pequena tatuada com um chicote pingando sangue e um olhar cruel o suficiente para combinar com ele.

Uma garota de olhos dourados, suas mãos em meu rosto, me implorando para não mentir.

Pisco e a tigela está do outro lado da sala, em cacos sobre o console de pedra acima da lareira. A poeira cai das cimitarras magistralmente produzidas que pendurei meses atrás.

Os rostos se foram. Estou de pé, as lascas de uma mesa rústica que acabei de construir perfurando minhas palmas.

Não lembro de jogar a tigela ou me levantar. Não lembro de agarrar a mesa com tanta força a ponto de minhas mãos sangrarem.

Aquelas pessoas — quem são elas? Elas estão na fragrância de uma fruta de inverno e na sensação de um cobertor macio. No peso de uma lâmina e no choque de um vento norte.

E em minhas visões noturnas de guerra e morte. Os sonhos sempre começam com um grande exército se lançando contra uma

onda de fogo. Um rugido irrompe através do céu, e um redemoinho gira, senciente e faminto, devorando tudo em seu caminho. O guerreiro é consumido. A mulher fria e a garota de olhos dourados desaparecem. Ao longe, as florações róseas suaves das árvores frutíferas de tala derivam para a terra.

Os sonhos me deixam inquieto. Não por mim, mas por essas pessoas.

Elas não importam, Banu al-Mauth. A voz que reverbera em minha mente é grave e antiga. É Mauth, a mágica no coração do Lugar de Espera. O poder de Mauth me protege das ameaças e me proporciona um entendimento sobre as emoções dos vivos e dos mortos. A mágica me deixa estender a vida ou terminá-la. Tudo a serviço da proteção do Lugar de Espera e do conforto para os fantasmas que se demoram por aqui.

Grande parte do passado desapareceu, mas Mauth me deixou algumas memórias. Uma é o que aconteceu quando me tornei o Apanhador de Almas pela primeira vez. Minhas emoções me impediam de acessar a mágica de Mauth. Eu não conseguia passar adiante os fantasmas rápido o suficiente. Eles juntaram forças e escaparam do Lugar de Espera. Uma vez soltos no mundo, eles mataram milhares.

A emoção é o inimigo, lembro a mim mesmo. Amor, ódio, alegria, medo. Todos são proibidos.

Qual foi seu juramento a mim?, pergunta Mauth.

— Eu ajudaria a passar os fantasmas para o outro lado — digo.
— Eu iluminaria o caminho para os fracos, os cansados, os caídos e esquecidos na escuridão que segue a morte.

Sim. Pois você é meu Apanhador de Almas, Banu al-Mauth. O Escolhido da Morte.

Mas um dia eu fui outra pessoa. Quem? Eu gostaria de saber. Eu gostaria...

Do lado de fora das paredes da cabana, o vento assobia. Ou talvez sejam os fantasmas. Quando Mauth fala novamente, suas palavras são seguidas por uma onda de mágica que tira o interesse de minha curiosidade.

Desejos só causam dor, Apanhador de Almas. Sua vida antiga acabou. Cuide do que está por vir. Intrusos estão a caminho.

Respiro pela boca enquanto limpo o ensopado. Enquanto visto meu manto, considero o fogo. Na primavera passada, os efrits queimaram a cabana que estava aqui. Ela pertencia a Shaeva, a djinn que foi a Apanhadora de Almas até o Portador da Noite matá-la.

Reconstruir a cabana me custou meses. O chão de madeira clara, minha cama, as prateleiras para os pratos e condimentos — são todos tão novos que ainda exsudam a seiva. A casa e a clareira em torno dela proporcionam uma proteção contra os fantasmas e as criaturas sobrenaturais, da mesma forma que o faziam quando pertenciam a Shaeva.

Este lugar é o meu santuário. Não quero vê-lo incendiado novamente.

Mas o frio lá fora é feroz. Tapo o fogo e deixo algumas brasas queimarem no fundo das cinzas. Então enfio as botas e apanho o bracelete de madeira entalhada em que sempre me pego trabalhando, embora não lembre de onde ele veio. Na porta, olho para trás, para minhas lâminas. É difícil abandoná-las. Foram um presente de alguém. Alguém com quem um dia eu me importei.

Razão pela qual elas não interessam mais. Eu as deixo e saio para a tempestade, esperando que, com um reino para proteger e fantasmas para cuidar, os rostos que me assombram finalmente desapareçam.



Ao sul, os intrusos estão tão distantes que quando paro de caminhar como o vento, a tempestade que rugia em torno da minha cabana não passa de um rumor. O mar do Anoitecer cobre minha pele com sal, e, através da rebentação, ouço os invasores. Dois homens e uma mulher seguram uma criança. Encharcados, sobem com dificuldade as rochas costeiras reluzentes em direção ao Lugar de Espera.

Todos têm a mesma pele marrom-dourada e cabelos com cachos soltos — uma família, talvez. Os destroços de um barco flutuam nas águas rasas atrás deles e eles tropeçam enquanto correm,

desesperados para escapar de um bando de efrits do mar que jogam detritos em sua direção.

Embora eu permaneça escondido, os efrits olham para a floresta quando sentem minha presença e reclamam, desapontados. Enquanto batem em retirada, os humanos continuam em direção às árvores.

Shaeva quebrava ossos e corpos e os deixava nas fronteiras para que outros os encontrassem. Não tive coragem de fazer como ela, e é isso que recebo em troca. Para os humanos, o Lugar de Espera é simplesmente a Floresta do Anoitecer. Eles esqueceram o que vive aqui.

Os poucos fantasmas que eu ainda não passei adiante se reúnem atrás de mim, protestando contra a presença dos vivos, o que lhes causa dor. Os homens trocam olhares. Mas a mulher que carrega a criança cerra os dentes e continua avançando rumo ao abrigo da linha de árvores.

Quando ela entra na densa floresta, os fantasmas a cercam. Ela não consegue vê-los. Mas seu rosto fica pálido e ela geme de desgosto. A criança em seus braços se agita.

— Vocês não são bem-vindos aqui, viajantes. — Saio de trás das árvores e os homens param.

— Eu preciso alimentá-la. — A ira da mulher redemoinha à sua volta com um toque de desespero. — Eu preciso de uma fogueira para mantê-la aquecida.

Os fantasmas sibilam enquanto a floresta murmura. As árvores refletem os humores de Mauth, e ele não gosta de intrusos tanto quanto os espíritos.

A última vez que tirei uma vida com a magia de Mauth foi meses atrás. Matei um grupo de guerreiros karkauns com um mero pensamento. Uso o poder novamente agora, encontrando um fio da vida da mulher e o puxando. Em um primeiro momento, ela segura a criança mais firme. Então respira, ofegante, e leva a mão à garganta.

— Fozya! — um dos homens chama alto. — Volte...

— Eu não vou! — Fozya cospe, mesmo enquanto espremo o ar de seus pulmões. — O povo dele é assassino. Quantas pessoas ele matou, se escondendo aqui como uma aranha? Quantas...

As palavras de Fozya ficam em minha mente. *Quantas pessoas ele matou...*

Quantas...

Gritos fervilham em minha mente: o lamento de milhares de homens, mulheres e crianças que morreram depois que deixei os muros do Lugar de Espera caírem no verão passado. As pessoas que matei como soldado, amigos que morreram em minhas mãos — todos marcham pelo meu cérebro, julgando-me com olhos desprovidos de vida. É demais. Não consigo suportar isso...

Tão subitamente quanto o sentimento toma conta de mim, ele desaparece. A mágica me inunda: Mauth acalma minha mente e me oferece paz. Distância.

Fozya e sua gente precisam ir. Dreno a vida da mulher novamente. Ela quase deixa a criança cair. A cada passo que dou em sua direção, ela recua aos tropeços, finalmente desabando na praia.

— Está bem, nós iremos embora — ela arfa. — Sinto muito...

Eu a solto e ela foge para o norte, seus companheiros apressando-se atrás dela. Eles seguem pela costa, lançando olhares assustados para as árvores até saírem de vista.

— Saudações, Apanhador de Almas. — A fragrância de sal me envolve completamente enquanto as ondas espumam aos meus pés e se fundem em uma forma vagamente humana. — O seu poder aumentou.

— Por que tão longe em terra, efeit? — pergunto à criatura. — Atormentar pessoas é tão interessante assim?

— O Portador da Noite pediu destruição — diz o efeit. — Nós... temos muito prazer em agradá-lo.

— Você quer dizer que temem desagradá-lo.

— Ele matou muitos do meu povo — diz o efeit. — Eu não gostaria de ver mais nem um deles sofrer.

— Deixe-os em paz. — Anuo na direção dos humanos que partiram. — Eles não estão mais em seu domínio. Além do mais, não fizeram nada para vocês.

— Por que você se importa com o que acontece com eles? Você não é mais um deles.

— Com quanto menos fantasmas eu tiver de lidar, melhor — digo.

O efeit avança como uma onda em minha direção, enrolando-se em torno de minhas pernas e me puxando, como se para me arrastar para debaixo d'água. Mas o poder de Mauth me protege. Quando o efeit me solta, tenho o claro sentimento de que ele está me testando.

— Vai chegar o dia — diz o efeit — em que você vai desejar não ter dito essas palavras. Quando Mauth não conseguir mais tirar os gritos da sua cabeça com sua mágica. Nesse dia, procure por Siladh, lorde dos efits do mar.

— É você?

A criatura não responde. Em vez disso, colapsa na areia e me deixa molhado até os joelhos.

De volta à floresta, passo adiante uma dúzia de fantasmas. Fazer isso significa compreender e desemaranhar sua dor e ira para que possam abandoná-las e deixar essa dimensão. A mágica de Mauth me envolve, permitindo-me uma compreensão rápida e profunda do sofrimento dos espíritos.

A maioria leva apenas alguns momentos para seguir em frente. Assim que termino, confiro se há algum ponto fraco no muro da fronteira, que é invisível aos olhos humanos. As árvores se abrem para mim enquanto caminho por um terreno escorregadio como uma estrada do Império.

Tem sido assim desde que me entreguei a Mauth. Quando construí a cabana, a madeira aparecia em intervalos regulares, cortada e lixada como se por um artesão. Jamais fui mordido, nem fiquei doente, tampouco tive de me esforçar para encontrar uma caça. Essa floresta é uma manifestação física de Mauth. Embora para uma pessoa de fora ela pareça com qualquer outra floresta, Mauth a transforma para servir às minhas necessidades.

Só enquanto você for útil para ele.

Gritos e rostos surgem em minha mente novamente, mas desta vez não desaparecem. Caminho como o vento de volta para a tempestade para o coração do Lugar de Espera: o bosque djinn ou o que restou dele.

Antes de me juntar a Mauth, eu evitava o bosque. Mas agora ele é um lugar onde posso esquecer meus problemas, uma vasta campina sobre um penhasco acima da cidade dos djinns. Além da mancha escura do lugar sinistramente silencioso, o rio Anoitecer corre sinuoso, uma serpentina reluzente.

Examino as cascas escurecidas das poucas árvores remanescentes do bosque, imóveis como sentinelas e solitárias em meio à chuva intensa.

... me guie até a Prisão Kauf... me ajude a tirar o meu irmão de lá.

As palavras provocam uma memória de uma garota de olhos dourados. Cerro os dentes e vou até a maior árvore, um teixo sem vida cujos galhos estão escurecidos pelo fogo. O tronco está profundamente marcado. Ao lado dele há uma corrente de ferro com anéis quase do tamanho da minha mão, roubada de um vilarejo marcial.

Levanto a corrente e a descarrego contra um lado do tronco da árvore, então contra o outro, aprofundando as marcas. Após alguns minutos, meus braços começam a doer.

Quando a mente não ouvir você, treine seu corpo. Sua mente vai segui-lo. Céus, vá saber quem me disse essas palavras, mas me ative a elas nos últimos meses, sempre retornando ao bosque dos djinns quando perco o controle de meus pensamentos.

Após meia hora, estou encharcado de suor. Tiro a camisa, meu corpo grita, mas acabei de começar. Enquanto levanto pedras, açoito a árvore e corro pelo terreno escarpado que leva à cidade djinn. Os rostos e sons que me assombram desaparecem.

Meu corpo é a única parte de mim que ainda é humana. Ele é sólido, real e sofre de fome e exaustão, como de costume. Fustigá-lo significa que tenho de respirar de determinado jeito, me equilibrar de determinado jeito. Fazer isso exige toda a minha concentração, não deixando nada para meus demônios.

Uma vez exauridas as possibilidades do bosque djinn, eu me arrasto até a extremidade leste, que desce até o rio Anoitecer, rápido e traiçoeiro em virtude da tempestade. Arfando, mergulho e atravesso o meio quilômetro de uma margem à outra, esvaziando a mente de tudo, exceto da corrente de água gelada.

Encharcado e exausto, retorno ao ponto de partida com a mente limpa. Estou pronto para enfrentar os fantasmas que estarão esperando nas árvores, pois, mesmo enquanto nado, sinto uma grande perda de vida ao norte. Terei muito a fazer hoje à noite.

Volto para o velho teixo para pegar minhas roupas. Há alguém ao lado dele.

Mauth introduziu uma consciência do Lugar de Espera em minha mente que lembra bastante um mapa. Busco essa consciência agora, procurando o brilho pulsante que indica a presença de um forasteiro.

O mapa está vazio.

Estreito os olhos para ver melhor através da chuva — um djinn, talvez? Não; mesmo as criaturas sobrenaturais deixam uma marca, sua mágica as seguindo como a cauda de um cometa.

— Você adentrou o Lugar de Espera — falo alto. — Estas terras são proibidas para os vivos.

Não ouço nada a não ser a chuva e o vento. A figura não se mexe, mas o ar crepita. *Mágica*.

Aquele rosto passa por minha mente. Cabelos negros. Olhos dourados. Feitiçaria nos ossos. *Qual era mesmo seu nome? Quem era ela?*

— Não vou machucá-lo — falo como faria com os fantasmas, com cuidado.

— Não mesmo, Elias Veturius? — a figura diz. — Nem agora? Nem depois de tudo o que aconteceu?

Elias Veturius. O nome invoca muitas imagens. Uma academia de pedras cinzentas e tambores trovejantes. A pequena mulher de olhos glaciais. Dentro de mim, uma voz grita: *Sim. Elias Veturius. É quem você é.*

— Esse não é meu nome — digo para a figura.

— É sim, e você precisa lembrar. — Seu tom de voz é tão baixo que não consigo dizer se é um homem ou uma mulher. Adulto ou criança.

É ela! Meu coração acelera. Pensamentos que eu não deveria ter invadem minha mente. Será que ela vai me dizer seu nome? Será que vai me perdoar por esquecê-lo?

Então duas mãos ressequidas surgem na escuridão e baixam o capuz. A pele do homem é tão clara quanto linho descorado, o branco dos olhos, lívido e sanguíneo. Embora eu tenha esquecido grande parte de quem eu era, esse rosto está marcado em minha mente.

— Você — sussurro.

— Exatamente, Elias Veturius — diz Cain, o adivinho. — Estou aqui para atormentá-lo uma última vez.

IV

LAIA

Keris Veturia está em Marinn, a apenas alguns metros de mim. *Como?* Quero gritar. Dias atrás, os diabretes de Musa relataram que ela estava em Serra.

Mas o que isso importa quando Keris pode chamar o Portador da Noite? Ele deve ter galgado os ventos e a trazido para Adisa.

Meu coração pulsa nos ouvidos, mas me forço a respirar. A presença da comandante por aqui complica as coisas. Mas ainda preciso tirar Nikla da sala do trono e levá-la para seus aposentos. Os Eruditos e Marciais em Delphinium possuem poucas armas, pouca comida e nenhum aliado. Se Nikla não ouvir o que a Águia de Sangue tem a dizer, qualquer esperança de ajuda estará perdida.

Silenciosamente, avanço com todo o cuidado até Nikla e Keris entrarem em meu campo de visão. A princesa navegante está sentada ereta no enorme trono de madeira vinda do mar de seu pai, com o rosto nas sombras. Seu vestido bordô é justo na cintura e se derrama no chão como uma poça de sangue. Dois guardas mantêm vigília atrás do trono, com mais quatro de cada lado.

A comandante está posicionada diante de Nikla em sua armadura cerimonial. Ela não porta armas, tampouco veste uma coroa. Mas ela não precisa disso. O poder de Keris sempre esteve em sua sagacidade e violência.

A pele reluz prateada em sua nuca, pois Keris está trajando a camisa de metal vivo que roubou da Águia de Sangue. Fico admirada com sua estatura — ela é uns quinze centímetros mais baixa que eu. Mesmo depois de toda a dor que Keris causou, você poderia vê-la de longe e pensar nela como uma garotinha inofensiva.

À medida que me aproximo, as sombras no rosto de Nikla mudam e se agitam. Deleitando-se com a dor da princesa, ghuls giram à sua volta em um halo profano, invisível aos olhos dela.

— ... não consegue tomar uma decisão — diz Keris. — Talvez eu deva falar com o seu pai.

— Eu não vou incomodar o meu pai enquanto ele estiver doente — diz Nikla.

— Então ceda, princesa. — A comandante ergue as mãos abertas, como se outra pessoa falasse palavras tão repugnantes. — Os ataques sobre o seu povo vão cessar. Os djinns vão recuar. Os Eruditos são um peso para os seus recursos. Você sabe disso.

— Razão pela qual eu encorajei partida deles de Adisa — diz Nikla. — No entanto, o que você pede é... — A princesa balança a cabeça.

— Estou oferecendo tirar uma população problemática das suas mãos.

— Para escravizá-los.

Keris sorri.

— Para oferecer a eles um novo propósito de vida.

A ira faz minhas mãos tremerem. Minha mãe, Mirra de Serra, conseguia escalar paredes sem o menor esforço. Quem dera eu tivesse a mesma habilidade misteriosa. Eu a usaria agora para saltar sobre Keris quando ela menos esperasse.

Seguro minha adaga — não aquela que eu deixaria sobre o trono de Nikla, mas uma mais antiga. Elias me deu essa arma muito tempo atrás. Ela é terrivelmente afiada e coberta de veneno até a ponta. Corro o dedo enluvado ao longo da lâmina e me aproximo lentamente do trono.

— E o que dizer dos milhares de Eruditos que você matou? — Nikla balança a cabeça, inadvertidamente afastando os ghuls, que chilreiam, irritados. — Eles não tinham nenhum propósito? Você

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um céu além da tempestade" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).